



Literatura de testemunho, setenta anos depois

Literature of Testimony, Seventy Years Later

Saul Kirschbaum*

São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

Resumo: Lili Jaffe, Noemi Jaffe e Leda Cartum. Sobrevivente da *Shoah*, filha e neta. A publicação, em 2012, de *O que os cegos estão sonhando?* remexe, ainda uma vez, no delicado território do trauma resultante da tragédia e suas repercussões nos descendentes das vítimas; aqui, segunda e terceira gerações, de certa forma condenadas a viver sob o peso do trauma, da família traumatizada. A memória da vítima, registrada em forma de diário - mas, em desacordo com o usual, com o esperado pelo leitor, diário registrado após os fatos -, recoloca a questão da fidedignidade, da confiabilidade da memória, da relação entre os fatos “como ocorreram”, e seu retrabalho pelas lembranças, pelos desejos, pelos relatos de outros sobreviventes. Além do diário de Lili Jaffe, o livro contém reflexões de sua filha Noemi Jaffe e também um capítulo escrito por sua neta, Leda Cartum. O objetivo deste artigo é refletir sobre os desdobramentos da chamada “Literatura de testemunho”, setenta anos depois da barbárie nazista, bem como sua ressignificação pelos descendentes, que não viveram os fatos mas são, de alguma forma, afetados pela simples presença, efetiva ou simbólica, da vítima. Propõe-se, ainda, a conveniência da adoção, para apreciação de obras da “Literatura de testemunho”, do conceito de “gerações de escritos”, em função de sua distância temporal em relação aos fatos.

Palavras-chave: Literatura de testemunho. Trauma. Noemi Jaffe.

Abstract: Lili Jaffe, Noemi Jaffe and Leda Cartum. Survivor of the *Shoah*, her daughter and granddaughter. The publication, in 2012, of *O que os cegos estão sonhando?* (*What are the blind ones dreaming of?*) rummages in the delicate territory of the trauma resulting from the tragedy and its repercussions on the descendants of the victims; here, second and third generations, somehow doomed to live under the burden of trauma, the traumatized family. The memory of the victim, recorded in the form of a diary - but, in disagreement with the usual, with what the reader expects, a diary recorded after the facts -, recalls the question of trustworthiness, the reliability of memory, the relation between the facts “as they occurred”, and the reworking of

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica da Universidade de São Paulo.



memories, desires, reports of other survivors. In addition to Lili Jaffe's diary, the book contains reflections of her daughter Noemi Jaffe and also a chapter written by her granddaughter, Leda Cartum. The purpose of this article is to reflect on the developments of the so-called "Literature of testimony", seventy years after Nazi barbarism, as well on its re-signification by descendants who have not lived the facts but are in some way affected by the sheer presence, effective or symbolic, of the victim. It is also proposed the adoption of the concept of "generations of writings", for the appreciation of works of "Literature of testimony", according to their temporal distance from the facts.

Keywords: Literature of testimony. Trauma. Noemi Jaffe.

E por que não teriam direito a isso? Mas o que significam esse "ter direito", esse "dever"? Algo moral, algo religioso? A serviço de que interesses? Quem se intromete aqui? O tema torna-se uma sarça ardente em solo religioso, que só se pode pisar com pés descalços e humilde submissão.

(Ruth Klüger)

Ser neta de sobreviventes é ter uma relação indireta com este sofrimento que possibilitou a minha existência. Porque há entre mim e o sofrimento um intermédio, alguém que já desbravou o matagal sórdido do trauma: nasci numa clareira, o terreno limpo e pronto, bem cuidado, porque meus pais se encarregaram de tirar as ervas daninhas, arar a terra, semear.

(Leda Cartum)



O livro *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe, publicado pela Editora 34 em 2012, ocupa um espaço singular na chamada Literatura de testemunho¹ ou, mais especificamente, na Literatura da Shoah.² E isso por diversos motivos.

Um deles é o aspecto da geração do autor. É bem conhecida a distinção, no gênero, entre escritos dos próprios sobreviventes – primeira geração –, de seus filhos – segunda geração – e, ainda que mais raros, de netos das vítimas – terceira geração. O inusitado em *O que os cegos estão sonhando?* é que o volume incorpora escritos das três gerações: o “Diário de Lili Jaffe (1944-1945)”, escrito pela mãe da autora principal, sobrevivente da Shoah; uma “Apresentação” e “O que os cegos estão sonhando?”, de Noemi Jaffe; e ainda o texto final “Aqui, lá”, de autoria de Leda Cartum, filha de Noemi e neta de Lili Jaffe.

Outra peculiaridade em *O que os cegos estão sonhando?* é o “Diário” de Lili Jaffe, que não é exatamente um diário, ou não é somente um diário. Explico: Lili Jaffe foi submetida à opressão nacional-socialista desde 25 de abril de 1944 - quando toda sua família foi aprisionada pelos alemães³ –, sendo internada em Auschwitz em 4 de junho desse mesmo ano.⁴ Até 28 de março de 1945, Lili esteve internada em campos nazistas ou participou de marchas forçadas.⁵ Em 10 de maio de 1945, finalmente, atravessou a fronteira da Alemanha com a Dinamarca.⁶ Entre 28 de março e 10 de maio, não fica muito claro quando ocorreu sua libertação. O fato é que em 3 de maio de 1945, Lili Jaffe já estava em Malmö, Suécia, onde começou a escrever seu diário de guerra. Ou seja, os acontecimentos entre 25 de abril de 1944 e 3 de maio de 1945, mesmo que registrados em formato de diário, com anotações datadas, na verdade, foram para o papel a partir de informações buscadas pela autora em sua memória.

De então até 30 de setembro de 1945, última data inscrita no texto, não é possível saber se os acontecimentos foram registrados contemporaneamente ou *a posteriori*.

¹ Lembremos que, para Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 7), o estudo da Literatura de testemunho requer “o estabelecimento de uma nova abordagem da produção literária e artística”, pois “o testemunho deve ser compreendido tanto no seu sentido jurídico e de testemunho histórico como também no sentido de ‘sobreviver’, de ter-se passado por um evento-limite, radical, passagem essa que foi também um ‘atravessar’ a ‘morte’, que problematiza a relação entre a linguagem e o ‘real’”.

² Palavra hebraica para Holocausto, sem as conotações religiosas desta; literalmente, “destruição”. Refere-se ao assassinato em massa de judeus europeus e outros grupos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

³ JAFFE, 2012, p. 13, entrada *Szenta, 25 de abril de 1944*.

⁴ JAFFE, 2012, p. 16, entrada *Auschwitz, 4 de junho de 1944*.

⁵ JAFFE, 2012, p. 37, entrada *28 de março*.

⁶ JAFFE, 2012, p. 41, entrada *Padbord, 10 de maio*.



É possível que essa característica do “Diário”, ou seja, que os acontecimentos no cativeiro nazista tenham sido anotados meses após sua ocorrência, seja responsável por pequenas incoerências, facilmente percebidas pelo leitor.⁷

A própria Noemi Jaffe reconhece essa situação: “Há muitas coisas na sua história que são impossíveis de compreender, quando pensadas separada e detalhadamente”.⁸ Por exemplo, se em 25 de abril de 1944 já sabiam que “no dia seguinte, às oito horas, os alemães viriam nos buscar e nos arrancar de nosso lar”,⁹ por que não tentaram fugir? Mas também é verdade que “nada disso tem a menor importância”.¹⁰

As críticas a depoimentos de sobreviventes da barbárie nazista, denunciando detalhes incoerentes ou contraditórios, costumam configurar-se como tentativas de desqualificar os depoimentos, e, por extensão, as próprias vítimas – o chamado negacionismo, ou revisionismo, por exemplo, que afirma que a Shoah nunca aconteceu, que é apenas uma invenção dos judeus.¹¹

Por outro lado, não é possível deixar de perceber que um dos resultados colaterais dessa argumentação é deslegitimar aqueles que pensam os depoimentos de forma crítica. Não se pode negar a existência de tentativas de fraude, de “depoimentos” totalmente fantasiosos, de memórias fabricadas; talvez o exemplo mais notório seja *Fragmentos: memórias de uma infância 1939-1948*, publicado em 1995 por Binjamin Wilkomirski, que alcançou expressiva tiragem, inclusive no Brasil. Mas este, certamente, não é o caso do “Diário” de Lili Jaffe.

Outro detalhe curioso, é que o “Diário” ocupa um total de 82 páginas do livro, mas os registros relativos ao tempo de internação em campos nazistas ocupam somente

⁷ Entre outras, certa imprecisão de datas: à página 41, por exemplo, Lili informa que atravessaram a fronteira da Alemanha para a Dinamarca em 10 de maio de 1945; que em 5 de março (talvez 5 de maio?), (p. 43) estavam em Copenhague, mesmo dia em que prosseguiram viagem e chegaram a Malmö, porto sueco, onde já estariam desde pelo menos desde 3 de maio, (p. 45).

⁸ JAFFE, 2012, p. 99.

⁹ JAFFE, 2012, p. 13.

¹⁰ JAFFE, 2012, p. 99.

¹¹ No Brasil, a Editora Revisão especializou-se nesse tipo de literatura, publicando e disponibilizando para “download” títulos como *Os conquistadores do mundo: os verdadeiros criminosos de guerra; Auschwitz e o silêncio de Heidegger; Acabou o gás!... o fim de um mito: o relatório Leuchter sobre as alegadas câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Majdanek*; e tantos outros.



25 páginas, menos de um terço do total. O restante descreve o trajeto de Lili Jaffe para a liberdade, até o retorno para a Iugoslávia e sua instalação em Zagreb.¹²

Mas a característica que, em minha opinião, suscita maior interesse na obra é o que proponho denominar o aspecto das gerações de escritos, em contraste com o das gerações de autores. Em que consiste esse contraste?

Por um lado, como vimos antes, pode-se indagar de cada obra que foca a Shoah à qual geração pertence o autor, se vítima, se filho ou se neto de vítima. Mas também se pode analisar em qual geração de escritos a obra se posiciona, em relação à ocorrência dos fatos originais, independentemente da geração de seu autor.

As fronteiras, como sempre, são incertas. Mas, adotando-se esse critério, uma primeira geração de escritos compreende aquelas obras que foram publicadas durante ou pouco após o final da guerra, contemporâneos à queda do regime nazista, “no calor dos acontecimentos”, quando ainda pouco ou nada se sabia do que tinha acontecido nos campos de extermínio instalados na Polônia, nos guetos, nos *shtetlach*¹³, nos territórios ocupados pelos exércitos alemães, principalmente no leste europeu. Nosso conhecimento das atrocidades praticadas durante a Shoah dependeu fortemente da circulação de obras como *A espécie humana*, por Robert Antelme, em 1957 e *É isto um homem?* por Primo Levi em 1958.

Neste mesmo grupo cabem o grande estudo de Victor Klemperer sobre o nazismo no campo da linguística, *LTI: a língua do Terceiro Reich*, publicado em 1946, e *Réquiem em Terezin*, por Josef Bor, de 1963, para citar uns poucos exemplos.

Outros autores preferiram expressar-se em forma poética, como Paul Celan, que compôs sua “Fuga sobre a morte” em 1952, ou através da prosa de ficção, como a substancial obra de Aharon Appelfeld, iniciada com a publicação da coletânea de contos *Fumaça*, em 1962. Registre-se que a admissão da possibilidade de tratar da Shoah em obras de ficção levantou e continua provocando conflitos amargos entre os sobreviventes e os autores.

Este primeiro conjunto de textos concernidos com a Shoah demarcou uma fronteira, de certa forma delimitando o espaço para os escritos posteriores, situação que Ruth Klüger expressou com muita clareza:

¹² JAFFE, 2012, p. 93, entrada *Belgrado*, 18 de setembro.

¹³ Ídiche, plural de *shtetl*, povoado ou aldeia no leste europeu habitado majoritariamente por judeus.



É um absurdo querer apresentar os campos, tal qual foram outrora, no sentido espacial. Entretanto, é quase tão absurdo querer descrevê-los com palavras como se nada houvesse entre nós e o tempo em que existiram. Os primeiros livros após a guerra talvez ainda tivessem feito isso, aqueles livros que ninguém queria ler¹⁴, mas é justamente a partir deles que nosso pensar se transformou, tanto que hoje não posso falar a respeito dos campos como se fosse a primeira, como se ninguém tivesse falado deles, como se todos que estão lendo agora não soubessem tanta coisa sobre eles, até mais do que suficiente, e como se tudo isso já não tivesse sido explorado – no sentido político, estético e também *kitsch*.¹⁵

Esta mesma autora assinala o surgimento de uma segunda fase no entendimento do que ocorrera, ao referir que

O Holocausto existia como fato, mas não como expressão e, portanto, tampouco como conceito. Simplesmente muitos judeus, entre outras pessoas, tinham sucumbido na Segunda Guerra Mundial. Somente no começo dos anos 70, a palavra [Holocausto] tornou-se corrente, demarcando o acontecimento.¹⁶

O que caracteriza, então, o que se pode denominar de segunda geração de escritos é que, por ocasião de sua produção, já se sabia praticamente tudo a respeito do que tinham sido os campos e os procedimentos nazistas. Os testemunhos agora têm caráter menos histórico e mais subjetivo, psicológico, com foco principalmente nas questões do trauma, nas memórias individuais, nas grandes questões filosóficas suscitadas pela tragédia. Também nos efeitos da catástrofe sobre os descendentes dos sobreviventes. Exemplos notórios são os escritos posteriores de Primo Levi, *Se não agora, quando?*, de 1982, e *Os afogados e os sobreviventes*, de 1986, bem como o já citado *Paisagens da memória* de Ruth Klüger, publicado em 1992.

Neste quadro, foram publicadas na mesma época importantes reflexões sobre a natureza do nazismo, como *Além do crime e castigo: tentativas de superação*, de Jean Améry, em 1966, *O conceito de Deus após Auschwitz*, de Hans Jonas, em 1984, *Modernidade e Holocausto*, de Zygmunt Bauman, em 1989, *A escrita ou a vida*, de Jorge

¹⁴ Vale lembrar que a publicação por Primo Levi de *Se questo è un uomo* em 1948 pela editora De Silva, com uma tiragem de 2.500 exemplares, após ter sido recusado por algumas grandes editoras entre as quais a Einaudi, teve pequena repercussão. Somente sua reedição pela Einaudi, em 1958, atraiu um número maior de leitores. Ver os comentários do autor em “Nota à versão dramatúrgica de *É isto um homem*” (LEVI, 2016, p. 41).

¹⁵ KLÜGER, 2005, p. 73-74.

¹⁶ KLÜGER, 2005, p. 207.



Semprun, em 1994, e as obras que compõem o projeto *Homo Sacer*, de Giorgio Agamben, a partir de 1995.

A produção de obras ficcionais também alcançou, nessa época, grande difusão e impacto, com títulos como *Adão, filho de cão*, publicado por Yoram Kaniuk em 1969, *Ver: amor*, de David Grossmann em 1986, ou *Yossel Rakover dirige-se a Deus*, de Zvi Kolitz em 1996.

Agora, então, proponho, estaríamos face a uma terceira geração ou fase de escritos – independentemente, lembro, da posição biológica dos autores em relação aos acontecimentos. Já se sabe praticamente tudo a respeito da barbárie cometida pelos nazistas contra os judeus e outras minorias, já temos as elaborações posteriores das vítimas e de seus descendentes sobre os efeitos da vivência concentracionária, já foram expostos em detalhes as sequelas traumáticas sofridas por eles.

É claro que não se pode contestar o direito e a importância de cada vítima expressar seu sofrimento. Como tão bem formulou Ruth Klüger:

Hoje em dia há pessoas que me perguntam: “Mas você era jovem demais para se lembrar daqueles tempos terríveis”. Ou nem mesmo perguntam, elas afirmam com plena certeza. Penso então que querem tirar de mim a minha vida, pois a vida nada mais é do que o tempo que se viveu, a única coisa que temos, e é isto que me negam quando põem em dúvida o meu direito de rememorar.¹⁷

E continua válida – nesses tempos de recrudescimento da discriminação contra minorias desprotegidas e crescimento dos atentados fundamentalistas de direita e de esquerda – a importante injunção da tradição judaica, de lembrar para não repetir.¹⁸ Neste aspecto, é crucial nos perguntarmos o que podemos fazer para evitar a reação de indiferença, ou até de repúdio dos ouvintes, antecipada por Primo Levi há três décadas em *Os afogados e os sobreviventes*:

Curiosamente, esse mesmo pensamento (“mesmo se contarmos, não nos acreditarão”) brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros. Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares, mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na

¹⁷ KLÜGER, 2005, p. 68-69.

¹⁸ Ver, por exemplo, *Zakhor*, de Yosef Hayim Yerushalmi, publicado no Brasil pela Imago.



forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente.¹⁹

A legitimidade desse pensamento de Primo Levi é atestada por considerações muito semelhantes de outros autores.²⁰ Reflexão quase idêntica foi elaborada por Jorge Semprun em *A escrita ou a vida*²¹ (“O verdadeiro problema não é contar, quaisquer que sejam as dificuldades. É escutar... Vão querer escutar as nossas histórias, mesmo que sejam bem contadas?”) e por Ruth Klüger em *Paisagens da memória*:

Na ocasião, sempre pensava que teria algo de interessante e importante para contar depois da guerra. Mas as pessoas não querem ouvir, ou somente o fazem com uma certa pose, uma certa atitude, não como interlocutoras e sim como pessoas que se submetem a uma tarefa desagradável, em uma espécie de reverência que facilmente se transforma em repugnância, duas sensações que em todo caso se complementam. Pois tanto o objeto da reverência, como o da repugnância, é sempre mantido à distância.²²

Curiosamente, Lili Jaffe registra uma reflexão que parece ir em sentido contrário. Em 15 de julho de 1945, já desfrutando a liberdade em Kummelnäs, Suécia, escreve em seu diário: “Por que não posso contar aos meus queridos a minha alegria, as minhas experiências? Como eles ficariam contentes, certamente desejaríamos isso... ‘Minha criança, você sofreu tanto, que Deus lhe dê sempre alegrias, satisfações e que a sorte a acompanhe.’”²³

Terceira geração de vítimas da Shoah, Leda Cartum, filha de Noemi e neta de Lili Jaffe, elabora a perplexidade, o sentimento descrito pelos autores desta terceira geração de escritos, em sua reflexão contida em “Aqui, lá”, texto incluído em *O que os cegos estão sonhando?*:

Difícil entender que esses eventos, dos quais já tanto se falou, de fato aconteceram, tiveram um lugar concreto no mundo; muito mais difícil ainda realizar que foram meus avós, os pais dos meus pais, que estiveram ali, no meio disso tudo. Eles presenciaram essa guerra; e eu não sei mesmo acreditar totalmente que ela aconteceu.²⁴

¹⁹ LEVI, 1990, p. 1.

²⁰ Inclusive em obras de ficção, como o conto “O profeta”, de Samuel Rawet, publicado em 1956.

²¹ SEMPRUN, 1994, p. 125.

²² KLÜGER, 2005, p. 102.

²³ JAFFE, 2012, p. 67.

²⁴ JAFFE, 2012, p. 235.



Qual é o lugar da Literatura de testemunho agora, no século vinte e um, nessa terceira fase de sua elaboração?, me pergunto. Por um lado, como observa a própria Noemi Jaffe,

Alguns dizem que já não faz mais nenhum sentido escrever algo sobre o nazismo. Tudo, supostamente, já foi escrito, falado, filmado, fotografado, explorado até o limite. Seria ridículo querer extrair ainda mais possibilidades expressivas de um acontecimento que já se esgotou.²⁵

Mas a mesma autora ressalva que:

É possível que o holocausto já tenha se esgotado e cansado enquanto fonte de aprendizado. Mas isso, supostamente, em seu sentido coletivo. Como experiência individual, não existe tal coisa como cansaço do que foi vivido. O passado individual não se esgota, nem deve se esgotar. [...] o aprendizado coletivo da guerra é somente de ordem política e o sofrimento de cada um dos prisioneiros e sobreviventes não é político e não se pode interpretá-lo desse ponto de vista, sob pena de sempre banalizá-lo e explorá-lo de forma oportunista.²⁶

A questão da Literatura da Shoah como fonte de aprendizado, entretanto, perdura. Merecem reflexão as palavras de Primo Levi, escritas em 1974 e ainda tão atuais:

Cada época tem seu fascismo: seus sinais premonitórios são notados onde quer que a concentração de poder negue ao cidadão a possibilidade e a capacidade de expressar e realizar sua vontade. A isso se chega de muitos modos, não necessariamente com o terror da intimidação policial, mas também negando ou distorcendo informações, corrompendo a justiça, paralisando a educação, divulgando de muitas maneiras sutis a saudade de um mundo no qual a ordem reinava soberana e a segurança dos poucos privilegiados se baseava no trabalho forçado e no silêncio forçado da maioria.²⁷

Concretamente, o desafio que se impõe é: como convencer as novas gerações – não só judias – de que a barbárie nazista realmente aconteceu e nos concerne pessoalmente,

²⁵ JAFFE, 2012, p. 184.

²⁶ JAFFE, 2012, p. 184.

²⁷ LEVI, 2016, p. 56.



enquanto seres humanos? E que pode se repetir?²⁸ Como ignorar que a produção de refugiados aumenta a cada ano, e sua absorção enquanto imigrantes é cada vez mais difícil? Que as fronteiras dos países desenvolvidos continuam se fechando? Que a ocorrência de eventos que podem ser caracterizados como de caráter antissemita vem aumentando, em número e em intensidade, na Europa e nos Estados Unidos?

Afinal, como disse Kazuo Ishiguro²⁹ com tanta propriedade em seu discurso de recepção do Prêmio Nobel de Literatura, “o irrefreável avanço de valores liberais e humanistas que eu tinha certeza que ocorria desde a minha infância pode não ter passado de uma ilusão”.

Como ainda levar pessoas a se interessarem por visitar Auschwitz? A frequentar os museus dedicados à preservação da memória da *Shoah*? A ler o que se escreveu a respeito? A geração dos sobreviventes está quase extinta. O final da terceira fase da Literatura da *Shoah* marcará uma época de cansaço, de indiferença, em que as vítimas podem passar a opressoras sem qualquer constrangimento ético? Nas palavras de Noemi Jaffe,

Faltam, no máximo, vinte anos para que os sobreviventes desapareçam, morram. Quando isso acontecer, outra etapa desta história vai começar e é preciso preparar-se para ela. O que serão os campos de concentração daqui a cinquenta anos? Um nome? A história deve preparar-se para isso? A palavra *Auschwitz* será como a palavra *Troia*, a palavra *Peloponeso*, a palavra *Manchúria*?³⁰

O mesmo poderíamos dizer, talvez, em relação às palavras Babilônia, Roma, Inquisição espanhola. Em mais umas poucas décadas, a segunda geração, a geração dos filhos das vítimas também terá desaparecido. A terceira, como vimos, já tem dificuldade até em acreditar que tudo realmente aconteceu. O conhecimento do que ocorreu sob o regime totalitário nacional-socialista parece ser cada vez mais puramente intelectual, e menos emocional.

À medida que o referente, o fato histórico, se distancia no tempo, é previsível que seu impacto emocional enfraqueça gradualmente. É urgente, então, pensar em como

²⁸ Já em 1959, Primo Levi (2016, p. 9) em tom profético, alertava: “Um segundo Hitler pode nascer, talvez já tenha nascido; é preciso levar isso em conta. Auschwitz, portanto, pode repetir-se. Todas as técnicas, depois de encontradas, vivem de vida própria, em estado de potência, à espera da oportunidade que as leve de novo ao ato”. Se é controversa a ideia de que o nazismo foi apenas o resultado da ascensão de Hitler e seus asseclas ao poder, a hipótese de retorno de regimes como o nazista não pode ser negada.

²⁹ ISHIGURO, 2018, p. 51.

³⁰ JAFFE, 2012, p. 186.



evitar que todo o monstruoso episódio de destruição do judaísmo europeu e de outras minorias se transforme em apenas mais um registro remoto mencionado de passagem nos livros de história. Fará sentido falar em uma quarta geração de descendentes das vítimas? Ao mesmo tempo, “Que sentido faz”, como diz Noemi Jaffe, “contar mais uma história de sofrimento individual para o público?”³¹

Em suma, como a autora tão bem sumariza,³² os escritos a respeito da Shoah podem ser abordados do ponto de vista de sua dimensão política, com respeito ao aprendizado coletivo que talvez ofereçam, ou então do ponto de vista da experiência individual, do sofrimento de cada um dos sobreviventes e de seus descendentes.

Estas, a meu ver, são as discussões que se impõem, setenta anos depois do fim do regime nacional-socialista. Não obstante a autora afirmar que “o livro é só uma tentativa de uma filha de conhecer melhor uma mãe”,³³ *O que os cegos estão sonhando?* Tem o mérito de atualizar as principais questões atinentes à Literatura de testemunho. O livro publicado por Noemi Jaffe oferece e provoca instigantes reflexões a respeito destas questões.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua 1*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMÉRY, Jean. *Além do crime e castigo: tentativas de superação*. Trad. Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ANTELME, Robert. *A espécie humana*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOR, Josef. *Requiem em Terezín*. Trad. Otto e Gerta Hellig. Lisboa: Publicações Europa-América, 1966.

³¹ JAFFE, 2012, p. 185.

³² JAFFE, 2012, p. 184-185.

³³ JAFFE, 2012, p. 185.



BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. Trad. Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARTUM, Leda - Aqui, lá. In: Noemi Jaffe (Org.). *O que os cegos estão sonhando*. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 229-237.

CELAN, Paul. Fuga sobre a morte In: _____. *Cristal*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 1999. p. 27-30.

GROSSMAN, David. *Ver: amor*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ISHIGURO, Kazuo. *Minha noite no século XX: e outros pequenos avanços*. Trad. Antônio Xerxenesky. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.

JONAS, Hans. *Le concept de Dieu après Auschwitz: une voix juive*. Trad. Philippe Ivenel. Paris: Rivages poche, 1994.

KANIUK, Yoram. *Adão filho de cão*. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo: Globo, 2003.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Trad. Miriam Bettina P. Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Trad. Irene Aron. São Paulo, Editora 34, 2005.

KOLITZ, Zvi. *Yossel Rakover dirige-se a Deus*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEVI, Primo. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.



SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WILKOMIRSKI, Binjamin. *Fragmentos: memórias de uma infância 1939-1948*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.